

# Aproximação interessa a europeus e sul-americanos, garante especialista

*Vice-presidente da C.E. para América Latina diz que cooperação dos dois blocos é opção estratégica*

157

REALI JÚNIOR  
Correspondente

**M**ADRI — A visita que o presidente Fernando Henrique Cardoso faz à sede da União Européia, em Bruxelas, a partir de hoje, se insere numa opção estratégica dos dirigentes dos países do Mercosul e da União Européia. O vice-presidente para América Latina da Comissão Européia, o espanhol Manuel Marin, explicou, em entrevista ao Estado, que interessa aos dois blocos desenvolver um sistema de relações políticas e de cooperação.

Um dos artifícios do Acordo-Quadro — que deverá ser assinado até o fim do ano e é o embrião da futura zona de livre comércio entre os dois blocos —, Marin confirmou que haverá cobrança europeia a Fernando Henrique na comissão. “O tema das cotas de importação de automóveis será certamente invocado em Bruxelas.” Na sua avaliação, porém, isso não anula os progressos obtidos neste ano e meio de negociações.

**Estado — Qual é o calendário para iniciar a zona de livre comércio?**

**Manuel Marin** — A previsão para a primeira fase é de cinco anos e só depois iniciaremos a preparação da zona de livre comércio, que ocorrerá sem precipitação. Atrás da idéia dessa zona há uma opção estratégica e isso os brasileiros compreenderam muito bem. Eles poderão organizar muito melhor suas relações verticais com os Estados Unidos quando tiverem um instrumento de relações privilegiadas com os europeus.

**Estado — Uma opção estratégica?**

**Manuel Marin** — A U.E. procura ter um modelo autônomo e específico de relações com a América Latina, um quadro de cooperação política, econômica e comercial. Trata-se de permitir a manutenção de um laço político e econômico importante com a Europa, um equilíbrio de posições. Os brasileiros hoje participam conosco da necessidade de definir esse modelo. Essa é a grande importância da visita do presidente Fernando Henrique a Bruxelas.

**Estado — A evolução política na América Latina aumentou o interesse da U.E. pela região?**

**Manuel Marin** — Há 15 anos era o continente da inflação, da dívida externa,

das juntas... As mudanças foram formidáveis e a América Latina virou uma zona emergente. Também por isso a U.E. quer esse novo sistema.

**Estado — A U.E. não teme que hajam problemas políticos e sociais?**

**Manuel Marin** — A América Latina já pagou sua dívida comercial, mas mantém sua dívida social. O aumento do nível econômico precisa ser dividido por todos. Os presidentes, entre eles FH, parecem ter chegado a essa conclusão, voltados para fórmulas de re-

distribuição social. Se o crescimento econômico não repercutir na política social, pode ocorrer uma explosão.

**Estado — Qual o principal resultado?**

**Manuel Marin** — O mais positivo foi instalar uma credibilidade em apenas um ano e

meio. No caso do Brasil, o fato de ter compreendido que foi uma opção estratégica. Para a U.E., ter se convencido de que mesmo com crescimento de 3% a 4% ao ano não poderá manter seu nível de vida só com o mercado europeu. Para isso, precisa estar presente em outras economias. Num negociação, a coisa mais difícil é criar um “clic”, e isso foi feito porque existe um clima de confiança mútua.

**COBRANÇA  
SOBRE COTAS  
NÃO PREJUDICA  
NEGOCIAÇÃO**